

Excelentíssimo Frei Adilson Vaz Donderi, Ministro Provincial, na pessoa de quem saúdo todos os membros da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos;

Reverendíssimos Pe. José Roney, na pessoa de quem saúdo os padres aqui presentes;

Caríssimos religiosos, religiosas, cristãos leigos e leigas, dentre os quais ressalto lideranças paroquiais, comunitárias e seminaristas;

Excelentíssimas autoridades aqui presentes e representadas.

“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Lc 9,13a). Foi essa a resposta dada por Jesus aos seus discípulos, diante de uma multidão faminta, num lugar deserto, quando a tarde vinha chegando, conforme o Evangelho que acabamos de ouvir. Eles só tinham cinco pães e dois peixes, colocados à disposição de todos por um coração solidário, que soube partilhar. Isso foi o bastante para que Jesus pudesse alimentar a multidão. Sobre esses alimentos Jesus pronunciou os quatro verbos eucarísticos: tomou-os, abençoou-os, partiu-os e os deu aos discípulos para distribuí-los à multidão (cf. Lc 9,16). É isso que faz a Eucaristia, alimenta as multidões famintas, quando se faz deserto e a tarde vem trazendo o negrume das trevas.

Ouvimos, na Primeira Leitura, a prefiguração da Eucaristia. O rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo não oferece um sacrifício de animais, como era característico da cultura daquele tempo. Diante de Abraão, Melquisedeque oferece pão e vinho. E Abraão lhe entrega o dízimo de tudo, ressaltando a superioridade do rei-sacerdote, que antecipa, por séculos, a figura do verdadeiro Rei-Sacerdote que oferecerá, no pão e no vinho, o seu precioso Corpo e Sangue como alimentos para a salvação do mundo.

Na Segunda Leitura, ouvimos o texto mais antigo da narrativa da instituição da Eucaristia. Num contexto de divisões e de discriminações, São Paulo transmite à comunidade de Corinto e a nós, aqui hoje, aquilo que ele mesmo recebeu. Novamente nos deparamos com os quatro verbos eucarísticos: Jesus

tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos seus discípulos, como seu “corpo que é dado”, oferecido por nós (cf. 1Cor 11,24b). Fez o mesmo com o cálice: tomou-o em suas mãos, deu graças e o entregou, afirmando que se trata do cálice da nova Aliança, em seu sangue (cf. 1Cor 11,25b). E entrega o mandato do memorial aos seus discípulos: “Fazei isto em minha memória” (1Cor 11,24c // 25c.26).

O tema escolhido para esta Solene Celebração e para o Ministério que dela se origina está relacionado com toda esta expressiva Liturgia da Palavra: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19), segundo o Evangelho de Lucas. Para realizar este mandato do Senhor, bastaria cumprir um rito? Trata-se somente de uma rubrica litúrgica? Ou a expressão implica uma ação existencial? É preciso aprofundar a força de cada termo dessas enigmáticas palavras que concluem a instituição eucarística.

O verbo se apresenta no imperativo afirmativo: “fazei”. Trata-se de verdadeiro mandato que não se pode descumprir. O Senhor se refere a uma ação entregue aos seus apóstolos reunidos no Cenáculo, naquela última Ceia. Era um grupo seletivo, que havia passado por um encontro pessoal e por um discipulado. Chegou agora o momento de iniciar a configuração ao Senhor e à sua missão, com todas as consequências que isso poderia significar. É este o momento da consagração dos apóstolos, configurados a Jesus Cristo, sendo ordenados para continuar a missão do Mestre e garantir a sua presença sacramental no meio do mundo.

O objeto direto da frase traz consigo denso significado existencial: “isto”. Mais do que cumprir um rito, o Senhor manda seus apóstolos fazerem o que ele mesmo fez. O objeto direto se torna, também, um pronome demonstrativo, que indica aquilo que Jesus fez: esvaziar-se de si mesmo (Filp 2,7), tornar-se humano (Jo 1,14), fazer-se dom de si com sua própria vida (Jo 6,51). É como Memorial do Senhor que se é chamado a doar a própria vida.

Aqui está a essência do sacerdócio que não é nosso, mas de Jesus Cristo, que nos amou e se entregou por nós (cf. Ef 5,2; Gl 2,20). Tendo feito a experiência do discipulado de Jesus e nele estando configurado, o ministro ordenado segundo o seu sacerdócio é chamado a fazer o que ele fez: esvaziar-se de si mesmo para tornar-se verdadeiramente livre, humanizar-se com mais intensidade, para ser capaz de oferecer a sua própria vida e humanizar o mundo. Foi isso que o Verbo de Deus fez: humanizou-se, inseriu-se em nossa história, para libertar a humanidade. Como nos recordou Santo Irineu de

Lião, “Este é o motivo pelo qual o Verbo de Deus se fez homem e o Filho de Deus Filho do homem: para que o homem, unindo-se ao Verbo de Deus e recebendo assim a adoção se tornasse filho de Deus” (*Adv. haer.*, III, 19,1 [SC 211, 374-375]). A ordenação sacerdotal faz isso conosco: configura-nos ao único sacerdócio de Jesus Cristo, humaniza-nos para sermos agentes de humanização e de divinização.

Antes de prostrar-te com o rosto em terra, na humildade do esvaziamento de si mesmo, estimado filho, Frei Flávio, haverás de apresentar teus propósitos, como fiel cooperador da Ordem Episcopal, no ministério da Palavra, na celebração dos mistérios de Cristo, na assiduidade ao dever da oração e na união ao Cristo, sumo Sacerdote. Farás também a renovação da promessa de obediência ao teu Bispo diocesano e ao teu legítimo Superior.

Depois, sim, poderás erguer-te e oferecer-te a Deus, recebendo o gesto sacramental da imposição das mãos e a Prece de Ordenação, que te constituirá na Ordem dos Presbíteros, como Pastor, Profeta e Sacerdote para o serviço do Reino. Serás revestido das vestes sacerdotais e terás tuas mãos unguidas “para oferecer a Deus o santo Sacrifício”. Como nos advertiu o inspirado Papa Francisco: “unção, amados irmãos, não é para nos perfumar a nós mesmos, e menos ainda para que a conservemos num frasco, pois o óleo tornar-se-ia rançoso... e o coração amargo” (cf. Papa Francisco, Homilia 28/03/2013). Assim, unção é para ungir, doravante e sempre, o povo de Deus. Receberás, por fim, “a oferenda do povo para apresentá-la a Deus”, com o preceito de tomar “consciência do que vais fazer” e por “em prática o que vais celebrar, conformando tua vida ao mistério da cruz do Senhor”.

O querido Papa Leão nos ensina, na sua Carta Apostólica “Uma fidelidade que gera futuro”, por ocasião dos 60 anos dos Decretos Conciliares *Optatum Totius e Presbyterorum Ordinis*, que é preciso “revigorar sempre e em todos os dias o ministério presbiteral, haurindo força da sua raiz, que é o vínculo entre Cristo e a Igreja, para ser, com todos os fiéis e a seu serviço, discípulos missionários segundo o seu Coração” (nº 3). Isso nos recorda as quatro proximidades da vida dos presbíteros, apresentadas pelo saudoso Papa Francisco: proximidade com Deus, com o bispo – no caso dos religiosos, com o Superior também –, com os irmãos e com todo o povo de Deus (cf. Discurso no Simpósio “Por uma Teologia Fundamental do Sacerdócio”, Vaticano, 17/02/2022).

Caríssimo filho, antes de chegares aqui, percorreste um longo caminho. Procuraste seguir os passos daquele que mais se assemelhou a Jesus Cristo, São Francisco de Assis. Aprendeste com ele a via dos Conselhos Evangélicos e emitiste teus votos como sinais escatológicos do Reino de Deus (cf. LG, 44). Num mundo marcado pelo luxo e pelas riquezas, fizeste a opção pela pobreza: estar livre para melhor seguir a Jesus Cristo. Num mundo marcado pela vontade de poder e pelo voluntarismo, preferiste a obediência: estar atento para ouvir e melhor vivenciar o Evangelho do Reino. Num mundo marcado pela sensualidade e pelo hedonismo, abraçaste a castidade: via de pureza que renova o espírito.

São Francisco de Assis não se achou digno de ser ordenado sacerdote. Hoje acolherás este altíssimo ministério na Ordem Franciscana. No exercício do teu sacerdócio, assumirás aqueles três eixos característicos que marcaram a vida do *Poverello* e que iluminam o horizonte sombrio da humanidade: o amor aos empobrecidos, o desejo da paz e o cuidado com o mundo criado. A exemplo de São Francisco, que a tua vida, caríssimo Frei Flávio, seja testemunho para todos que encontrares pelo caminho, anunciando a perfeita alegria, que gera esperança para o mundo. O Senhor que te chamou complete em ti a obra começada (cf. Filp 1,6).

Que Maria Santíssima, a Senhora da Lapa, padroeira desta Diocese, que te unge para o ministério de Jesus Cristo, segundo a inspiração de São Francisco de Assis, te cubra com o seu manto e te faça experimentar a perfeita alegria de servir o povo de Deus.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!